



A LEITURA DO CLÁSSICO ADAPTADO PARA HQ E O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR FILOSÓFICO.

Leandro Raphael Vicente¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é abordar o modo como as histórias em quadrinhos são utilizadas no ensino de filosofia para suscitar uma nova perspectiva sobre estes materiais, pois o preconceito e a desvalorização desta linguagem têm dificultado a elaboração de práticas pedagógicas diferenciadas. Em relação a estrutura narrativa dos quadrinhos, o que se percebe é uma rica e complexa forma de transmitir mensagens, capaz de agradar os estudantes e estimular o seu desejo pela leitura. Consideramos que, uma “parceria” entre quadrinhos e filosofia seja interessante para o desenvolvimento do olhar filosófico, já que esta linguagem permite uma nova perspectiva sobre a realidade. Para avaliar estas questões, apresenta-se uma experiência prática desta proposta com uma adaptação de um clássico da literatura brasileira em formato de HQ, desenvolvida com uma turma do ensino médio em uma escola pública de São Paulo.

Palavras-chave: HQ's – Ensino de filosofia – Olhar filosófico – Leitura

ABSTRACT: The objective of this work is to approach the way in which comics are used in the teaching of philosophy to raise a new perspective on these materials, since the prejudice and devaluation of this language has hindered the elaboration of differentiated pedagogical practices. Regarding the narrative structure of comics, what is perceived is a rich and complex way of transmitting messages, capable of pleasing students and stimulating their desire for reading. We consider that a “partnership” between comics and philosophy is interesting for the development of the philosophical view, since this language allows a new perspective on reality. To evaluate these questions, a practical experience of this proposal is presented with an adaptation of a classic of Brazilian literature in HQ format, developed with a high school class in a public school in São Paulo.

Keywords: Comics – Teaching philosophy – Philosophical look – Reading

INTRODUÇÃO

A adaptação de obras clássicas da filosofia ou da literatura para o formato HQ ainda causa estranhamento entre muitos professores de filosofia, principalmente porque se costuma

¹ Mestrando pelo PROFILO na UFABC com bolsa pela CAPES, com a pesquisa “*O ensino de filosofia através, com e como histórias em quadrinhos*” sob a orientação do Prof. Dr. Charles Feitosa, contato e-mail: vicente.rapha@gmail.com.





associar os quadrinhos como algo somente destinado ao lazer. Para alguns, mais “simpatizantes” da nona arte, os quadrinhos até poderiam facilitar a leitura do clássico, mas jamais teriam o mesmo valor que a obra original. Sobre a questão de como são tratadas as obras de arte no ensino de filosofia, Marinê Pereira faz o seguinte alerta:

Pensamos que o uso da arte pode ter um papel importante no ensino de filosofia (e talvez de outras disciplinas), mas pode também ser um empobrecimento tanto da experiência com a obra artística quanto com o próprio conteúdo que se quer abordar. Ou seja, será que, ao buscar “algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem”, não correríamos o risco de tratar esse momento como “isca” para o que se pretende, numa abordagem que corre o risco de ser simplificadora e empobrecedora em relação a experiência com a obra e com o conteúdo em questão? (PEREIRA, 2016, p.51).

Ao tratar sobre a questão da “leitura da obra de arte”, a filósofa também problematiza a proposta de Silvio Gallo que defende o ensino de filosofia como criação de conceitos, um trabalho que se dá por meio de etapas, sendo elas: Sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Apesar de considerar-se a preocupação do autor no que se refere a utilização da arte como sensibilização, a proposta de Gallo pode nos conduzir para uma instrumentalização da mesma, colocando-a como “literatura menor” em relação ao texto filosófico que seria o “objeto da investigação”.

Esta perspectiva utilitarista da arte, inclusive, também é vista com frequência em livros didáticos da área de filosofia, que fazem uso dos quadrinhos para ilustrar conceitos filosóficos. Vejamos o exemplo a seguir:

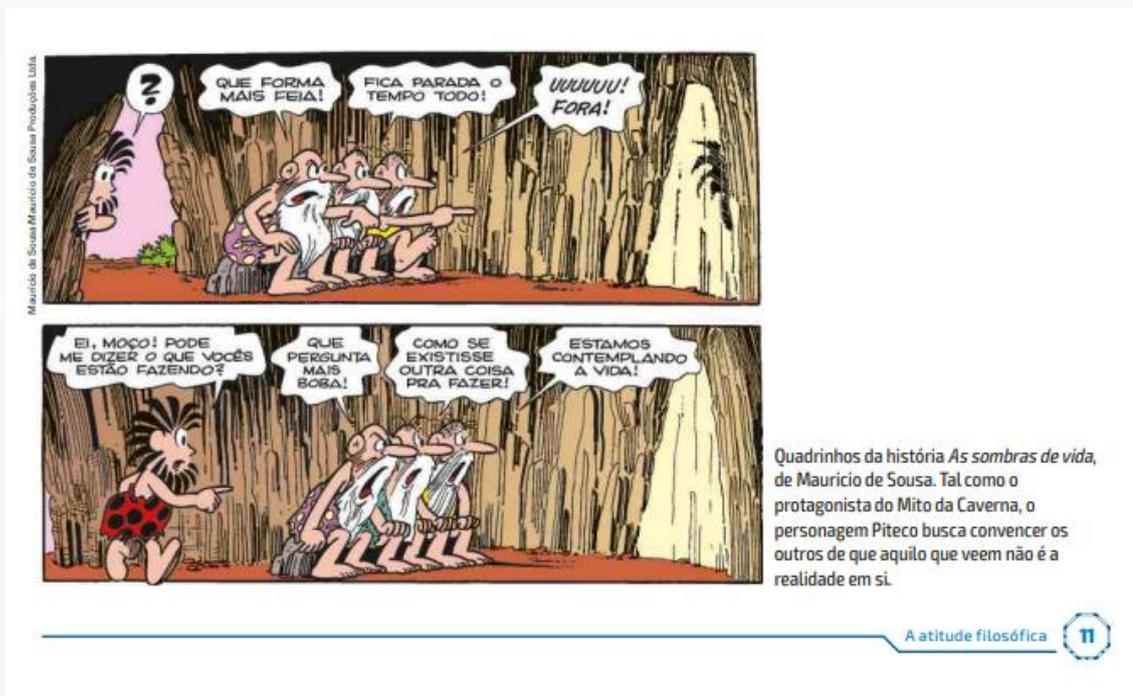


Figura 1: Tirinha do Piteco adaptada para o livro *Iniciação a filosofia*.

Fonte: CHAUI, Marilena. *Iniciação a filosofia*. 1999. p.13.

Por isso, faz-se necessário refletir sobre a maneira como encaramos os textos filosóficos e as histórias em quadrinhos, pois a supervalorização de um em relação ao outro é o que nos impede de novas experiências com esta linguagem. Talvez, a questão se dê pela crença de que o texto filosófico seria o único capaz de desenvolver a capacidade crítica e intelectual dos estudantes, enquanto as imagens dos quadrinhos serviriam para "agradar" os alunos.

Por isso, acreditar que as HQ's seriam capazes de oferecer apenas uma "sensibilização" é ignorar tudo o que compõe esta rica e complexa linguagem, cheia de elementos a serem decodificados, tanto no campo afetivo como abstrato. Outra coisa é a desvalorização dos aspectos sensíveis relacionados às artes em geral, que tanto despertam o interesse dos estudantes. Sobre esta questão, que envolve a relação entre razão e sensibilidade, vale considerar a crítica feita por Nietzsche:

Eu, sou todo corpo e nada além disso; a alma é somente uma palavra para alguma coisa do corpo; o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, a qual chamas "espírito", pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão (NIETZSCHE, 1992, p.51).



Para o filósofo alemão, o corpo teria sofrido constante desvalorização ao longo da história do ocidente, um movimento que inferiorizou os afetos em nome de uma pretensa “busca da verdade”. Muitos filósofos defenderam que para se buscar o conhecimento verdadeiro, se faz necessário não se deixar conduzir pelo corpo e as suas paixões, pois elas nos levam ao engano. Nesta mesma direção, as artes também foram desprezadas e subestimadas, como é o caso de Platão que chegou a defender a expulsão dos artistas da cidade ideal.

Outra percepção problemática no que se refere a presença dos quadrinhos no ensino de filosofia, é a ideia de que este tipo de leitura afastaria os estudantes das obras clássicas da filosofia. Neste sentido, o pesquisador Waldomiro Vergueiro faz o seguinte apontamento:

A ideia preconcebida de que as histórias em quadrinhos colaboravam para afastar as crianças e jovens da leitura de outros materiais foi refutada por diversos estudos científicos. Hoje em dia, sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo. (WALDOMIRO, 2018, p.23).

Ou seja, a adaptação do clássico para o formato HQ não visa substituir as obras dos filósofos, mas proporcionar outras experiências pedagógicas que esta linguagem é capaz de oferecer. Além disso, devemos nos atentar para o fato de que o nosso objetivo não é formar especialistas em filosofia, mas jovens autônomos e responsáveis, capazes de compreender e respeitar outros pontos de vista existentes.

Desta forma, considera-se uma nova relação entre quadrinhos e o ensino de filosofia, que pretende uma “parceria” entre ambas. Trata-se, portanto, de uma valorização dos quadrinhos tal como se costuma fazer com os textos filosóficos, considerando que a sua leitura nos proporcionaria novos e diferentes olhares sobre as questões.



1 UM NOVO OLHAR SOBRE E COM OS QUADRINHOS.

Antes de nos lançarmos para novas experiências com os quadrinhos no ensino de filosofia, devemos primeiramente definir os objetivos desta prática e os seus motivos. Ou seja, de que forma as HQ's poderiam nos auxiliar para uma ampliação das perspectivas sobre o mundo em que vivemos e por que isto seria importante para a formação dos estudantes?

Para tanto, vale ressaltar o conjunto de competências e habilidades da área de ciências humanas e sociais aplicadas, da qual a filosofia pertence e que se faz presente na BNCC. Neste documento, que também ressalta o papel da filosofia para o reconhecimento das diferenças e o respeito aos direitos humanos, destaca-se a importância da leitura e o uso de diferentes fontes e linguagens, capazes de ampliar a visão de mundo dos estudantes (BRASIL, 2020, p.572).

Neste sentido, objetiva-se combater a intolerância e o dogmatismo presentes em nossa sociedade, pois tais formas de pensamento são capazes de gerar violência, discriminações e posturas antidemocráticas. Ou seja, a filosofia permitiria uma forma diferente de ver as coisas, pois é intrínseco ao filosofar certo distanciamento, afim de se ganhar uma perspectiva mais ampla sobre o mundo (FEITOSA, 2009, p.27).

A parceria entre filosofia e quadrinhos neste viés é denominada por Charles Feitosa como filosofia pop ou filosofia híbrida. Uma abordagem que não propõe hierarquias entre o que é considerado clássico e o popular, entre a arte e a filosofia, as imagens e os conceitos. Desta forma, os quadrinhos funcionariam como “janelas que vislumbram outras possibilidades de compreensão”, permitindo-nos outras perspectivas sobre temas e questões diversas.

Para tanto, os quadrinhos nos ofereceriam novos elementos para pensarmos a realidade, pois as suas cores, traços, layouts, composição, balões de fala, onomatopeias, personagens, enfim, nos trazem complexos significados a serem decifrados, capazes de nos fazer perceber o mundo de formas diferentes. Vejamos os exemplos a seguir, extraído de uma HQ do Chico Bento:



Figura 2: Chico no Shopping

Fonte: https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Chico_Bento_no_Shopping - Acesso em 14/10/2022.

Nesta HQ, observa-se o personagem Chico Bento e o seu primo da cidade grande indo passear num shopping, sendo possível evidenciar que esta é a primeira visita do interiorano no local. Além da história, que está repleta de humor e piadas, nós podemos destacar a estética visual do quadrinho, tão marcante nas histórias de Maurício de Sousa. Trata-se de uma imagem colorida, cheia de cores quentes como o amarelo, o laranja e o vermelho, personagens cartunescos e expressões felizes.

Mas, seria o mundo um lugar “colorido e feliz”? Todas as pessoas fariam parte desta mesma realidade? Ou, trata-se de apenas uma perspectiva de mundo? Para elucidar melhor esta questão, observemos a imagem do artista Angeli, que por meio do seu personagem Bob Cuspe, um punk que vive nos esgotos, mostra uma realidade da cidade grande completamente diferente da anterior.



Figura 3: Bob cuspe. Em Plena Hora do Rush.

Fonte: <https://obarquinhocultural.com/2022/02/11/bob-cuspe-o-velho-punk-rabugento-volta-a-cena-para-fugir-de-um-cenario-pos-apocaliptico-criado-por-angeli/> - Acesso em 14/10/2022.

Diferente da “cidade colorida” apresentada por Maurício de Sousa, Angeli nos mostra uma cidade “preta no branco”, decadente e cheia de conflitos entre os seus habitantes. Para tanto, o artista utiliza um traço “sujo”, com riscos que servem para “poluir” os quadros e compor uma ideia de “nojo”, principalmente quando realizamos a leitura dos balões de fala dos personagens, que mencionam o ato de “cuspir em executivos”.

Como se pode observar, os quadrinhos são capazes de criar novas realidades por meio de sua rica estrutura narrativa e diferentes projetos artísticos, apresentando-nos “outros mundos”. Desta forma, constata-se que os quadrinhos podem contribuir muito para o ensino de filosofia, nos ajudando a enxergar as coisas de um jeito diferente daquele que estamos acostumados a ver.

2 A QUADRINIZAÇÃO DA OBRA DE MARIO DE ANDRADE E UM NOVO OLHAR SOBRE A ELITE PAULISTA.

Ao pensarmos nos quadrinhos como “janelas para outras perspectivas”, capazes de criar diferentes realidades, compreendemos que a sua leitura no ensino de filosofia nos oferece experiências pedagógicas distintas dos textos filosóficos. Por isso, não se deve confundir a

leitura de uma obra clássica, como é o caso de *Amar, verbo intransitivo* de Mario de Andrade², com a sua adaptação para o formato HQ.

Em relação a sua narrativa, independentemente do formato, nos oferece diversos elementos para pensarmos a cultura, a educação e a sociedade brasileira. Neste sentido, é possível discutirmos sobre a forma como os homens são “educados” em nossa sociedade, já que a narrativa aborda a iniciação sexual de um rapaz que pertence a elite paulistana. Na história, Sr. Felisberto contrata uma governanta para “seduzir” seu primogênito e ensinar os costumes europeus para todos os seus filhos, por meio de suas aulas de piano e alemão.

Em formato HQ, *Amar, verbo intransitivo* apresenta diversas referências da arte cubista e expressionista nas suas ilustrações. Além disso, artistas como Tarsila do Amaral, Villa-Lobos, Anita Malfatti e Oswald de Andrade também surgem no decorrer da história, convidando os leitores para conhecerem mais sobre um importante movimento artístico e literário denominado como modernismo.



Figura 4: Mario de Andrade junto com artistas responsáveis pelo movimento modernista.

Fonte. JAF, 2018, p.23

² Nascido em 1893 e morto em 1945, Mario de Andrade era pianista, escritor, professor de filosofia e história da arte, pesquisador do folclore brasileiro e atuou em diversos cargos ligados a cultura.

Por meio de personagens e cenários contornados delicadamente e coloridos com um efeito “aquarelado”, *Amar, verbo intransitivo* nos apresenta a vida “calma e cheia de privilégios” de uma família paulistana do início do séc. XX. Tudo isso, graças ao trabalho desenvolvido por Ivan Jaf (roteiro) e Eloar Guazzelli (ilustração), que combinam texto e imagem de maneira harmônica e cheia de referências, como é o caso da pintura “o grito” de Edward Munch, apresentado nesta HQ com cores quentes.



Figura 5: O grito de Elza enquanto se encanta com a beleza natural.
Fonte. JAF, 2018, p.76

De maneira geral, graças aos variados estilos e técnicas utilizadas nas ilustrações, esta HQ nos possibilita diferentes perspectivas sobre São Paulo e o comportamento das elites, já que no decorrer da história as cores e formas de desenho se modificam de acordo com a narrativa, compondo diferentes experiências de imersão e percepção.



3 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COMPARTILHADA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.

A experiência pedagógica a ser relatada ocorreu em uma escola da rede pública estadual de ensino em São Paulo, da qual o professor-pesquisador leciona na disciplina de filosofia. Trata-se de uma experiência feita com o terceiro ano do ensino médio regular, durante o período do terceiro bimestre de 2022. Ressalta-se que a escola está situada numa região periférica e de alta vulnerabilidade, com diversas carências e dificuldades para os estudantes locais.

A escolha desta HQ se deu pelo motivo de encontrar-se 40 exemplares disponíveis na biblioteca da escola, o que possibilitou a sua distribuição para todos os alunos da mesma turma e a realização de uma leitura compartilhada. Além disso, trata-se de um material distribuído pelo PNLD literário e destinado ao ensino médio, uma adaptação de um clássico da literatura para o formato HQ.

Em relação as ilustrações, ressalta-se a influência de importantes movimentos artísticos, como é o caso do cubismo e do expressionismo, que se intercalam no decorrer da história. Desta forma, referências diretas e indiretas de artistas como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti puderam ser comentadas ao longo da leitura entre alunos e professor, o que foi encarado por alguns estudantes como uma espécie de “galeria de arte”.

Para esta experiência, foram utilizadas três aulas de 45 minutos e a divisão da leitura se deu a partir dos personagens da narrativa, sendo eles: Sr. Felisberto, Dona Laura, o jovem Carlos, a governanta Elza e as meninas Maria Luísa e Laurita. Desta forma, os alunos realizaram a leitura em voz alta de cada um dos seus respectivos personagens, como num “jogo teatral” os estudantes deram “vida a história” e procuraram dramatizar cada uma das situações apresentadas.

No papel de narrador e intérprete de Mario de Andrade, o professor também ficou responsável por orientar os alunos para uma leitura das imagens dos quadrinhos, dando-lhes informações sobre a linguagem dos quadrinhos e a sua estética. Além disso, dados sobre a

vida e obra do autor, seu contexto histórico e engajamento artístico-literário também fizeram parte do processo de leitura compartilhada, que foi feita com algumas inserções e comentários para maior compreensão e apreciação da mesma.

A organização da sala de aula se deu no formato circular, para que todos os estudantes pudessem acompanhar a leitura e reflexão, assim como abriu-se o espaço para diálogos e questionamentos decorrentes dela. Com o objetivo de análise dos dados, o áudio das três aulas foi gravado e está armazenado em mp3 sob a posse do professor-pesquisador, que mantém o arquivo em sigilo e segurança para a proteção dos estudantes.



Figura 6: Fotografia da leitura compartilhada.
Fonte: VICENTE, Leandro (2022).

Após a análise do material e durante a experiência pedagógica, foi possível observar o entusiasmo dos alunos em relação a leitura, que chegaram a pedir por outras experiências semelhantes. Vale ressaltar que, em nosso segundo encontro, um pouco antes de acabar a aula, os alunos pediram para que a leitura continuasse até o sinal tocar, demonstrando-se que a experiência estava realmente agradável para eles.

Em relação ao desenvolvimento do olhar filosófico, esta HQ demonstrou-se bastante adequada a nossa proposta, tanto em relação aos seus elementos linguísticos como na sua composição estética. Principalmente, porque a HQ apresenta diferentes movimentos



artísticos ao longo da narrativa, modificando suas cores, formas, traço e layouts das páginas, de acordo com os acontecimentos da história.

Também é importante destacar, que temas como racismo, machismo e colonização surgiram em nossas discussões, principalmente em momentos que trataram sobre a “educação sexual” de Carlos e maneira como Elza se refere aos brasileiros, trechos que renderam diferentes perspectivas sobre os assuntos e que oportunizaram uma problematização sobre a maneira como pensamos nossa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com este trabalho, foi possível analisar diferentes perspectivas sobre a presença dos quadrinhos no ensino de filosofia, constatando-se três posturas diferentes em relação a nona arte, sendo elas: O ensino de filosofia “sem” os quadrinhos, o ensino de filosofia “através” dos quadrinhos e o ensino de filosofia em “parceria” com os quadrinhos. Entendendo-se que está última forma é a mais interessante para o ensino de filosofia, pois considera a linguagem dos quadrinhos como distinta dos textos filosóficos, sendo capaz de possibilitar uma nova perspectiva sobre a realidade.

Vimos que, a negação dos quadrinhos e a utilização como “pré-texto” para o ensino de filosofia desconsideram a riqueza e a complexidade da sua estrutura narrativa, composta por: Balões de fala, onomatopeias, imagens, traços, cores, layouts, composição etc. Características específicas que podem servir para vermos o mundo de um jeito diferente e assim, exercitarmos o nosso olhar filosófico.

Por fim, é possível afirmar que o trabalho com os quadrinhos no ensino de filosofia nesta perspectiva é potencialmente válido, pois torna a aula de filosofia interessante aos alunos e é capaz de provocar diferentes pontos de vistas sobre a realidade. Por meio de nossa experiência com a leitura compartilhada da obra *Amar, verbo intransitivo* de Mario de Andrade em formato HQ, constatou-se que os quadrinhos oferecem novos elementos para o ensino de filosofia, capazes de provocar discussões importantes e outras leituras relacionadas.



Acreditamos que outras experiências com quadrinhos e o ensino de filosofia a partir da filosofia pop devam ser realizadas, afim de se analisar diferentes estratégias pedagógicas de leitura, critérios de escolha dos materiais e a efetividade dos resultados, no que se refere ao exercício de novos olhares sobre o mundo e o respeito as diferentes perspectivas.



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula/* Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela; Angela Rama, Waldomiro Vergueiro, (orgs.). – 4. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2018.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf> Acesso em 20/07/2020
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- FEITOSA, Charles. *Explicando filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GALLO, Sílvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o Ensino Médio*. Campinas: Papyrus, 2012.
- JAF, Ivan. *Amar, verbo intransitivo: Idílio /* Mario de Andrade (adaptado por) Ivan Jaf, roteiro : Guazzelli, arte. – 2ed. – São Paulo : SOMOS Educação, 2018.
- NIEZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. Tradução; Mario da Silva. São Paulo: Linoart, (1992).
- PEREIRA, Marinê de Souza. *Arte e ensino de filosofia no PIBID-UFABC*. Rio de Janeiro. Ed. Autografia. 2016.

Recebido: 31/10/2022

Aprovado: 09/12/2022